



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

1891 - Pôster - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 08 - Formação de Professores

A RELAÇÃO EDUCATIVA COM OS/AS ALUNOS/AS E A VALORIZAÇÃO DOCENTE

Valdete Aparecida Fernandes Moutinho Gomes - UFOP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Celia Maria Fernandes Nunes - UFOP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

Esse trabalho discute a relação professor/a-aluno/a e a valorização docente. Nessa direção, apresentamos os resultados parciais de uma pesquisa de mestrado em Educação que investigou a valorização docente em narrativas de professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Através de levantamento bibliográfico e de análise de entrevistas narrativas, constatamos a polissemia do conceito de valorização docente, o qual abarca as dimensões objetiva e subjetiva da profissão. Os primeiros relacionam-se aos aspectos que favorecem o trabalho docente e envolvem as políticas de formação, remuneração, condições de trabalho e carreira. Os últimos referem-se aos fatores de ordem subjetiva como a realização profissional e o reconhecimento social da docência. O recorte ora apresentado diz respeito à importância da relação educativa entre professor/a e aluno/a para a percepção de valorização docente. Ao contribuírem para a formação do/a aluno/a, o/a professor/a percebe a valorização do trabalho docente. Constatamos ainda que a relação professor/a-aluno/a tem sido afetada por transformações sociais, as quais impõem novas exigências para os/as docentes.

Palavras-chave: Valorização docente. Relação professor/a-aluno/a. Condição docente.

A RELAÇÃO EDUCATIVA COM OS/AS ALUNOS/AS E A VALORIZAÇÃO DOCENTE

RESUMO – Esse trabalho discute a relação professor/a-aluno/a e a valorização docente. Nessa direção, apresentamos os resultados parciais de uma pesquisa de mestrado em Educação que investigou a valorização docente em narrativas de professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Através de levantamento bibliográfico e de análise de entrevistas narrativas, constatamos a polissemia do conceito de valorização docente, o qual abarca as dimensões objetiva e subjetiva da profissão. Os primeiros relacionam-se aos aspectos que favorecem o trabalho docente e envolvem as políticas de formação, remuneração, condições de trabalho e carreira. Os últimos referem-se aos fatores de ordem subjetiva como a realização profissional e o reconhecimento social da docência. O recorte ora apresentado diz respeito à importância da relação educativa entre professor/a e aluno/a para a percepção de valorização docente. Ao contribuírem para a formação do/a aluno/a, o/a professor/a percebe a valorização do trabalho docente. Constatamos ainda que a relação professor/a-aluno/a tem sido afetada por transformações sociais, as quais impõem novas exigências para os/as docentes.

Palavras-chave: Valorização docente. Relação professor/a-aluno/a. Condição docente.

INTRODUÇÃO

Ao investigarmos os fatores que contribuem para que os/as docentes se sintam valorizados/as, constatamos, além da importância das políticas de formação, remuneração, condições de trabalho e carreira, a centralidade da relação educativa estabelecida com os/as alunos/as. Segundo Teixeira (2007), a relação professor/a-aluno/a é central na profissão docente, contudo, a mesma autora ressalta a importância de se analisar essa relação nas condições de sua realização, ou seja, nos modos como ela se configura na contemporaneidade. Nessa comunicação, apresentamos os dados parciais de uma pesquisa qualitativa, na qual investigamos a valorização docente a partir de entrevistas narrativas. Selecionamos cinco professoras efetivas atuantes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na rede municipal de uma cidade mineira. As entrevistas foram transcritas conforme orientações de Hartmann (2012) e,

posteriormente, analisadas segundo os pressupostos da análise compreensiva-interpretativa sugeridos por Souza (2006).

A CENTRALIDADE DA RELAÇÃO PROFESSOR/A-ALUNO/A

Dentre as muitas interações que o professor vivencia no exercício da docência e que a configuram como uma profissão de interações humanas (ARROYO, 2004; TARDIF e LESSARD, 2005; TEIXEIRA, 2007), destaca-se a relação professor/a-aluno/a por conta de seu caráter emocional e afetivo. Tardif e Lessard (2005) consideram que as relações com os/as alunos/as compõem o “nó central” da profissão docente, na qual o aspecto afetivo e o educativo estão imbricados. A percepção de contribuírem para o desenvolvimento dos/as alunos/as promove um sentimento de satisfação profissional, que em meio aos desafios da docência, motiva os/as professores/as a permanecerem na profissão:

Tem dia que dá vontade de chutar o balde. Nossa! Não quero isso mais. Eu não tô aquentando mais essa vida! É dois horários... Aí, você vê que tá muito sacrifício. Aí, depois no outro dia, você fala: parece que te passa um branco... Aí você tá lá de novo: Aí, gente, eu adoro o que eu faço. Então, só de eu me sentir profissional e gostar do que eu faço, então, eu me sinto valorizada nisso. (Professora Francisca^[ii])

Ainda que, conforme ressaltado por Tardif e Lessard (2005), o amor pelas crianças seja essencial, essa não é uma relação meramente afetiva. Além de constituir-se como um dos principais aspectos de motivação profissional, é também fonte de desafio que instiga os professores a buscarem novas estratégias pedagógicas:

Então, [o que] me faz sentir valorizada é o retorno diário dos alunos e que depende deles. Eles é que vão aceitar, eles é que vão receber. É o retorno diário é... porque você vai pra casa, pensando assim: amanhã, eu tenho que ser melhor, né? (Professora Cristina)

Em outras palavras, o sucesso do/a aluno/a é também o sucesso do/a professor/a e demonstra o retorno do seu trabalho. Trata-se, portanto, de um cuidado político porque visa a formação do/a aluno/a enquanto cidadão e enquanto homem.

A RELAÇÃO PROFESSOR/A ALUNO/A E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

A relação entre professores/as e alunos/as tem passado por significativas transformações sociais, especialmente, nas últimas décadas, as quais se somam a outras transformações ocorridas no sistema escolar (ARROYO, 2004). Destaca-se ainda o advento das tecnologias da informação e comunicação, as quais oferecem outras fontes de conhecimentos para além do espaço escolar. Para Tedesco e Fanfani (2004), esse contexto tem favorecido a emergência de um novo perfil de aluno que impõe aos professores a aquisição de novos saberes e competências.

As manifestações mais evidentes desse novo perfil de aluno residem no desinteresse de muitos/as aluno/as em relação aos conteúdos escolares, conforme verificamos na narrativa da professora Ângela:

Eu me sinto muitas das vezes, muito desmotivada, sem interesse pra vir, porque tudo que você propõe, nada os meninos têm interesse, entendeu? Nada sente interesse [...] Se você entrar na minha sala, você vai ver que não tem o que fazer. É triste^[iii], é triste, mas os meninos não querem nada, a família não está nem aí. [...] (Professora Ângela).

Segundo Gadotti (2011), o desinteresse e a indisciplina contribuem para que os/as professores/as se sintam infelizes na escola e na sala de aula. Nesse contexto, o autor enfatiza a necessidade de os/as professores/as construir junto com os/as alunos/as os sentidos do aprender e do ensinar, tendo em vista que o/a aluno/a “só aprende quando quer aprender e só quer aprender quando vê na aprendizagem algum sentido” (GADOTTI, 2011, p. 59).

Essa construção conjunta pressupõe o conhecimento da realidade do/a aluno/a. Tal aproximação favorecerá a compreensão dos comportamentos dos mesmos, os quais, frequentemente, destoam do perfil idealizado pelos/as docentes (TEIXEIRA, 2007). Para Arroyo (2004), nem todas as condutas discentes devem ser interpretadas como indisciplina. No entendimento do autor, torna-se necessário “reeducar o olhar docente”, sobretudo, quando se considera que o modo como os/as docentes veem os alunos interfere na sua relação com os mesmos e influencia as estratégias pedagógicas.

Contudo, frequentemente, a indisciplina escolar esbarra na violência escolar/urbana e extrapola as competências dos/as professores/as, conforme verificamos na narrativa a seguir:

Os alunos eles são assim... [silêncio] Eles tão naquela fase que de rebeldia tão grande porque é aluno [sussurra com medo de ser ouvida por pessoas que estão na rua e completa: que usa droga dentro da escola]. Leva droga pra quadra, entendeu? [fala baixo] E assim, não respeita os professores. Manda tomar no [...], fala coisas horrorosas com os professores. E assim, eram alunos que eram nossos. Alunos que a gente conviveu desde pequeno. E foi pro 6º ao 9º ano e se tornaram rebelde de uma tal forma... E isso a gente fica chateado, porque são colegas nossos de escola, né? E a gente vê a frustração deles [...] Como que você vai debater com um jovem que cá fora ele... [gesticula uma arma de fogo], né? Como que cê vai debater com um jovem que ele não tá nem aí? Se amanhã, ele te matar, pronto, né? Então, tem esses problemas muito graves aqui na escola, né? Na comunidade em si, não na escola. A comunidade. E os professores eles ficam frustrados, porque vai dar uma aula, não consegue dar uma aula, né? Tem dificuldade.

Muitas vezes, as condutas dos alunos e suas demandas geram um sentimento de impotência por parte dos/as professores/as (TARDIF e LESSARD, 2005) por extrapolar a competência dos/as docentes. A precariedade do bairro onde a escola se situa manifesta-se na desigualdade social, na violência urbana e na ausência de espaços de lazer, esporte e cultura, aspectos que sugerem a necessidade de maior atenção do poder público. Essas questões incidem sobre a qualidade de vida dos/as moradores/as e as interações entre os alunos tanto no ambiente escolar quanto fora

dele. Portanto, influenciam o trabalho docente e a relação professor/a-aluno/a.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação professor/a-aluno/a quando vivenciada de forma exitosa, oferece um tipo de recompensa subjetiva ao professor. Essa recompensa favorece a sua percepção de satisfação profissional e de valorização. Entretanto, nas últimas décadas, a relação professor/a e aluno/a tem sido influenciada pelas transformações sociais e impõem novas exigências para os professores. O convívio com a diversidade sociocultural dos/as alunos/as, bem como o desinteresse e a indisciplina desafiam os/as docentes. Verificamos que as condições de vida experienciadas por alunos/as e professores/as interferem no trabalho docente e na relação dos/as professores/as com a profissão. Nesse contexto, destacamos a importância da oferta de uma formação inicial e continuada que abarque a complexidade da relação professor/a-aluno/a na atualidade. Do mesmo modo, ressaltamos a necessidade de melhores condições de trabalho, especialmente, no que se refere à remuneração docente e à infraestrutura dos espaços escolares. É pouco provável o desenvolvimento de relações mais humanas diante de contextos desfavoráveis socialmente.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GADOTTI, Moacir. **A boniteza de um sonho**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.
- HARTMANN, Luciana. Tomazito, eu e as narrativas: “Por que estoy hablando de mi vida”. In: GONÇALVES, Marco Antônio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z. (Orgs.). **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- SOUZA, Elizeu Clementino. **O Conhecimento de si**: estágio e narrativa de formação e professores. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.
- TEDESCO, Juan Carlos; FANFANI, Emilio Tenti. Novos docentes e novos alunos. In: **Ofício de professor na América Latina e Caribe**. Brasília: Fundação Víctor Civita/UNESCO, 2004. p. 67-80.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro Teixeira. **Da condição docente**: primeiras aproximações teóricas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso: 03/10/2017

[i] De acordo com o projeto aprovado pelo Comitê de Ética da Instituição onde desenvolvemos a pesquisa, utilizamos de pseudônimos para preservar a identidade das professoras.

[ii] Conforme sugestão de Hartmann (2012), as palavras ou expressões que aparecem em negrito no texto foram pronunciadas com ênfase pelas próprias entrevistadas.